

PSICANÁLISE NA CIÊNCIA

Um link possível?¹

Rilke² aconselha ao jovem poeta que ele não fale de amor porque falar de algo que é interessante por si não é tarefa para iniciantes. A experiência objeto deste trabalho e em andamento na USP é desta ordem. Relatá-la é um risco mas... corramos, digo, comecemos.

1. Que mundo é esse?

Como quem acorda de um porre se perguntando Onde estou? Para onde vou? Quem sou? hoje não são poucos os que se perguntam que mundo é esse. Todos nós em algum momento nos sentimos desorientados porque acontece de tudo. Tudo balança, os pessimistas de plantão acreditam que é o fim.

É o fim de um mundo, mas não o fim do mundo³. Até pouco tempo apoiávamos a vida em sólidos pilares do tipo:

- *Vou estudar para passar numa federal, que me dará background para ter uma boa colocação no mercado de trabalho, ou então*
- *Vou entrar no Banco do Brasil para ter estabilidade, status e bom salário, ou ainda*
- *Vou casar ter filhos e amar a mesma mulher até o fim dos meus dias.*

Enfim, perdem força todos os ideais que orientaram a vida de nossos pais. Nada disso se sustenta de forma a nos convencer como convenceu a eles.

Ideais orientam a vida, dão algum parâmetro, servem como um norte, se quero chegar a São João del Rei, os caminhos que me levam à Bahia eu descarto. No máximo dou uma passadinha em Tiradentes e volto logo, de maria-fumaça, mas não me desvio.

Assim, quando já não temos clareza nas prospecções, perdemos a crença nelas, elas já não nos mobilizam mais, começamos a testemunhar nas escolas a apatia dos alunos que entregam prova de recuperação em branco porque aquilo não lhes interessa ou angustia minimamente. Vemos, com cada vez mais frequência, filhos tramando e até mesmo executando a morte dos pais como o alardeado caso Richthofen. Vemos também quem, para se acalmar da angústia da vida vazia e sem pegadas, se anestesia com a droga do momento. É a nova psicopatologia, a

¹ Trabalho apresentado nos cursos de Psicologia da Universidade Federal de São João del Rey (UFSJ) e UNIFENAS, unidade de Varginha, em setembro e outubro de 2007.

² Carta ao Jovem Poeta

³ Jorge Forbes, em lançamento da programação 2007 na CPFL

psicopatologia contemporânea: agressões inusitadas, fracasso escolar, toxicomania⁴. São fenômenos que respondem ao tempo atual, claramente marcado por múltiplas possibilidades de satisfação em oposição ao tempo anterior cujo selo era a repressão. A questão é que retirar as proibições não resolve nosso problema⁵ com o prazer ou a falta dele. Ao contrário, cria-nos outro: como esta pessoa tem tudo e ainda se droga? Como pode ficar só por conta de estudar e ainda pegar recuperação? De fato nem Freud, nem Lacan, nem ninguém explica porque não faz mesmo sentido. É nisto que está a novidade destes sintomas, eles não são interpretáveis, eles obedecem a uma lógica outra, a da satisfação, que não é a do pensamento lógico-racional.

2. Uma solução mágica

Frente a isso nos mobilizamos em busca de solução. Surge de tudo, o que mais atrai são as saídas mágicas. É de chamar a atenção o sucesso de vendagem de livros do tipo O Segredo.

Para os que não se deixaram seduzir ao menos pela curiosidade, antecipo que ali se encontra um texto-documentário, recheado de depoimentos fantásticos sobre o poder da mente na vida de pessoas bem sucedidas. O elemento comum a todos os testemunhos, que misturam crença mística com mágica, é a teoria de que todo pensamento emite ondas, estas passíveis de serem medidas pela física quântica, as quais entram em sintonia com o universo, que por sua vez providencia sem o menor esforço que o que foi pensado chegue para aquele que o pensou. A liberdade está em estar preso à vigília pelos melhores pensamentos para assim criar a realidade com a onipotência de um deus. Realmente pondo em prática O Segredo você se afasta muito da condição humana. Tudo te acontece e você tem de se manter com o pensamento firme em algo bom. Acontece que só pensar o melhor não basta você tem que ser mais convincente e também se sentir ótimo. Seu computador acabou de assumir que tem vontade própria, deu fim no trabalho final de conclusão do semestre que você tem duas horas para entregar e que levou trinta dias e as últimas três noites fazendo, todo cheio de gráficos estatísticos, até curva normal e a conclusão mais brilhante a que num momento inspirador você chegou. Desespero? Pânico? Choro? Jamais, isso não é positivo. Não seja humano, não se abale, crie uma outra realidade paralela imagine o trabalho se materializando na mesa do professor, prontinho, mais lindo ainda que da última vez que você o viu. É simples, apenas pense, acredite e receba. Seu desejo é uma ordem, o mundo é um cardápio a sua disposição, é só você escolher e fazer seu pedido.

⁴ Classificação proposta por Jorge Forbes, em aula inaugural do terceiro módulo do Corpo de Formação do IPLA, agosto de 2007.

⁵ Erotismo – Guideline, para revista Isto É

Para que não pensem que exagero, mostro e vocês tiram sua própria conclusão. (Na multimídia, cena: 38'28" – 45'10")

3. O trabalho de inventar uma saída

É em Mário Quintana que encontro a senha para acessarmos uma outra forma de lidar com o que desconhecemos, com o segredo, se assim o quiserem:

*“O segredo é não correr atrás das borboletas...
É cuidar do jardim para que elas venham até você.”*

Mágica não dá trabalho. Cuidar do jardim ou cuidar da vida, isso sim dá bastante trabalho. Muito mais quando não há padrão de comportamento que dê conta de responder a todas as surpresas de estar vivo. Não há script traçado que preveja o encontro, seja ele bom ou mal. Bons encontros são tão bons quanto mais nos deixam sem palavras, nos fazem fazer o que não costumamos fazer. Sentir o que não é comum, nos apresentando o novo, que por ser novo não podia ter sido previsto.

Suportar isso sem se proteger com o escudo do pensamento positivo é assumir uma humanidade. Reconhecer a fragilidade da condição humana da maneira mais honrada que pode haver, como se dissesse *“Não domino o mundo, há o acaso que me descompleta e isso não me paralisa, outrossim, me faz inventor de uma saída ou várias”*. É mais exatamente disto que quero lhes falar, a partir dos *Casos do Genoma atendidos pela psicanálise*. Antes, uma última e breve digressão, agora à Lacan.

4. Cientistas angustiados

Com olhos de águia, Lacan enxergou longe e, em 1974, numa entrevista à imprensa de Roma, que foi estabelecida num livro chamado *O Triunfo da Religião*, já percebia que os cientistas começavam a se angustiar. O livro tem este nome exatamente porque é isso que ele acha mais provável de acontecer, que a religião triunfe sobre a psicanálise, porque é duro suportar a falta de sentido das coisas e a religião remenda o sentido cada vez que ele rasga. Quando nada mais explica, Deus explica: *“É desígnio de Deus”*. A ciência por sua vez também é feita na tessitura do sentido, da resposta que ainda não tem, mas que está por vir com a próxima descoberta, a última milionária pesquisa, os mais sofisticados aparelhos tecnológicos. Os médicos se apóiam nos mais modernos exames e remédios para aplacar a angústia dos que o procuram sem saber o que fazer

com sua vida. Outros, mais sensíveis começam estabelecer parcerias e, como dizia Lacan⁶ por ocasião deste trabalho, passam a enviar a nossos consultórios aquilo para o que não têm resposta.

Foi um pouco assim que vimos nascer a parceria pioneira entre a psicanálise e a genética. Até fazer parte disto e ver com meus próprios olhos, jamais teria pensado que haveria algum interesse da psicanálise em se *linkar* com a ciência. Nunca pensei que assistiria, por vídeo e em tempo real a um analista atendendo um paciente e menos ainda que ele estaria acompanhado da geneticista. Vamos devagar. Um passinho atrás para apresentar os autores da novidade.

Mayana Zatz, a geneticista e também entrevistadora, autora de inúmeras publicações internacionais, maior autoridade em distrofia muscular no país, firme defensora da manutenção do direito de buscar a cura para doenças ainda sem esperança como a distrofia, o mal de Alzheimer, a diabetes e outras mais.

Jorge Forbes, o psicanalista, ex-aluno de Jacques Lacan, é o introdutor de sua obra no Brasil, o fundador das Escolas de Psicanálise no Brasil, hoje diretor do Projeto Análise – Pesquisa e Clínica Psicanalítica e Presidente do IPLA – Instituto da Psicanálise Lacaniana.

Optei por uma apresentação informal, que destaque o que mais lhes marca na condução deste trabalho pioneiro. Sobre eles poderia simplesmente ter dito que ambos dedicam a vida a uma causa.

Prosseguindo, considero que se o título desta conferência pareceu estranho para alguém, isto era de se esperar. O link entre psicanálise e genética soa estranho porque estamos acostumados a pensar que o analista cuida do singular e o geneticista busca a generalidade da espécie humana⁷. Contudo a parceria é factível, é o que tem mostrado esse um ano de trabalho no Centro de Estudos do Genoma Humano/CEGH – USP.

A parceria foi possível porque Mayana Zatz não acredita que no zigoto de Mozart já estavam escritas todas as suas sonatas, ou no de Carlos Drummond, a sua obra literária⁸.

Porque a geneticista não crê numa correspondência imediata entre a carga genética de uma pessoa e seu comportamento, nem que o comportamento possa ser explicado pela genética, que em última instância não há ligação direta, estreita e sem falhas entre genótipo e fenótipo. Porque não partem de posições extremadas e estreitas que desconsiderem os múltiplos fatores em jogo, não tem princípios incompatíveis, por isto tem início a parceria.

⁶ LACAN, J. O Triunfo da Religião, Jorge Zahar,

⁷ Jorge Forbes no site <http://noticias.usp.br/acontece/obterNoticia?codntc=17590&codnuclrn=1>

⁸ Referência ao argumento de um dos defensores da suspensão das pesquisas com célula tronco embrionária, num dos debates que tornaram público o tema.

Há um gap entre a base genética e o que dela resulta no comportamento de uma pessoa. Isso não é imediatamente claro. Estamos acostumados com uma visão da genética, aprendida na escola, em que o cromossomo *aa* para olho azul produz invariavelmente olho azul. Contudo, exigindo um pouco mais de nossa memória e raciocínio, suponhamos o gene *Bb*, para baixa estatura, que produzirá pessoas de estatura baixa à mediana, o que já começa a indicar uma certa margem de variação. O baixinho pode, depois de alguma estimulação, aumentar ao menos uns 4 ou 5 centímetros. Da mesma forma, o gene *Cc* para pele morena pode se expressar de forma a produzir uma pessoa de pele clara, caso se exponha pouco ao sol ou mais escura, se tomar mais sol.

Desconsiderando a banalidade e com um pouco de boa vontade, estes exemplos ajudam-nos a tornar mais clara a idéia de um gap entre o genótipo e fenótipo, entre comprometimento genético e a expressão deste comprometimento. Isto faz vacilar a idéia biológica de determinismo genético. Perceber isso tem uma implicação muito importante de abrir perspectivas clínicas, de tratamento inclusive para doenças genéticas. A paralisia da vida e paralisia motora não são exatamente um par de causa e efeito ou, se for, é ao inverso, a paralisia de vida antecipa a paralisia motora. Isso tona cada vez mais fundamental a participação ética de uma pessoa frente às suas próprias determinações⁹.

Dito de outra maneira, psicanalista e geneticista podem se unir quando compartilham uma concepção de que o homem é fadado ao incompleto. Corrigindo-se o defeito, ainda assim ele é incompleto¹⁰. Resta-lhe inventar.

A invenção assim como a escolha e a responsabilidade são as molas-mestras deste tratamento. É com elas que se conta para desautorizar o sofrimento. A primeira parte desta parceria foi batizada exatamente como Desautorização do Sofrimento. Acompanhemos o que é isso.

O acidente de percurso, a surpresa

A pessoa está vivendo uma vida normal, fazendo trilha com amigos, quando de um momento para o outro cai, literalmente vai ao chão, de um jeito que nunca caiu antes, ou de repente não consegue fazer tarefas que fazia sem qualquer dificuldade até ontem, não é capaz de pôr uma bolsa de mão no bagageiro do avião, são dois exemplos. Ou então começa a se dar conta de que fecha a mão e quando quer abri-la não consegue fazer o movimento com a mesma naturalidade, mas tem que puxar dedo por dedo para que ela volte a se abrir. Diante da estranheza

⁹ Jorge Forbes no site <http://noticias.usp.br/acontece/obterNoticia?codntc=17590&codnucjrn=1>

¹⁰ Jorge Forbes no site <http://noticias.usp.br/acontece/obterNoticia?codntc=17590&codnucjrn=1>

de não poder fazer mais os movimentos simples que sempre fez, procura um médico que não tem dúvidas quanto ao que fazer, manda para o CEGH, confirmar o diagnóstico não difícil de fazer.

Daí para frente o cenário, de fato, não é dos mais animadores, os pacientes distróficos recebem sua sentença de morte. Com todo cuidado é informado que será acometido por uma série de comprometimentos musculares. Isto progredirá até que por fim pare de respirar e morra por asfixia. O caminho que lhe é anunciado é trágico, na medida em que não pode mudar o final. Não há ainda tratamento que restabeleça seu corpo de antes.

Um paciente distrófico sempre vai acompanhado de um membro da família, este último, muito compadecido e cheio de boas intenções cuidadosas. Ele evidentemente se apiedará diante da triste sina de seu ente querido e na seqüência lhe dirá algo que corresponde a *“Dentro de algum tempo você vai se tornar um inválido, mas não se preocupe, não vamos te abandonar ao contrário vamos cuidar de você”*¹¹.

Frente a estas duas coisas, o diagnóstico-bomba e a piedade, ele, salvo raras exceções, se serve de uma reação pronta para usar e sofre conforme esperam ou acham que deve sofrer. Criança quando se esbarra, olha para os lados e se encontrar alguém olhando com carinha de pena vai logo chorando, e vai chorar até ficar com dó de si, lembrando o Chico.

É isso que acontece, o paciente por sua vez deprime, se revolta, tenta ser indiferente, mas quase que invariavelmente se resigna e antecipa, por sua condição psicológica, os sintomas físicos da patologia, antes mesmo que ela se instale. O diagnóstico é prospectivo, mas a resposta a ele é imediata¹². A pessoa entra andando e sai manquitolando.

Nesta modalidade de tratamento, convencionamos chamar este par resignação-compaixão de vírus, não biológico, mas social, fabricado culturalmente. Observamos que é um elemento que piora sensivelmente uma conjuntura de vida.

Esclareço um pouco mais. A cultura nos coloca nas mãos formas prontas de reagir às situações mais variadas que como humanos vivemos. Felicitamos aqueles que se tornam pais, os que se casam, os que conseguem um bom emprego, aqueles que se formam, assim como lamentamos por aqueles que adoecem, pelos que perdem posição social, nos compadecemos pelos que morrem ou estão morrendo. Em todas estas situações partimos de uma idéia de que há o bom e o mau, por bom senso concluímos que o bom faz bem e o mau faz mal. Crença compartilhada culturalmente. Contudo, fora do bom senso que impera bem menos do que apregoamos, a clínica nos mostra incessantemente que há os que se deprimem com o sucesso, os que se aliviam com a

¹¹ Jorge Forbes no site <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2007/jusp800/pag0607.htm>

¹² Jorge Forbes no site: <http://noticias.usp.br/acontece/obterNoticia?codntc=17590&codnuclm=1>

morte de um ente tão querido, mas opressor. Não somos harmônicos como o pretendemos. Freud nos tirou essa ilusão desde *Mais além do princípio do prazer*.

Voltando, o diagnóstico é uma surpresa, tal como um acidente, algo que acomete sem qualquer aviso. É uma quebra de identidade, em pouco tempo sua nova imagem não corresponderá ao que é hoje, estará em outra situação inconcebível, com outra aparência física, será uma pessoa diferente. Conforme analisa Jorge Forbes “*A pessoa procura uma forma de demonstrar seu problema e vive uma piora imediata, favorecendo a instalação da doença*”¹³. Como reagir? O que sentir? É aí que entra em cena o parzinho complementar: um se compadece e o outro se resigna. Porque não pode mudar o fim, nada mais pode se feito?

De fato, quando o paciente chega para a primeira entrevista verificamos então os efeitos letais deste vírus RC, ele precipita a doença “*se um dia vou parar de andar, vou parar desde já*”. Frente a uma determinação genética, só resignando. A família por sua vez se acha ótima por ser capaz de dizer “*Nós vamos cuidar de você. Pode deixar, você vai ficar imprestável, mas não tem problema, porque estaremos a seu lado*”¹⁴.

O antídoto contra este vírus é a **Desautorização do Sofrimento** prêt-à-porter, este fabricado socialmente, convencionado. A sociedade diz como reagir frente a isso ou aquilo. É isso que curto-circuitamos. As mutações no gene não são suficientes para que o corpo apresente sintomas. O ambiente em que ela vive interfere também.

Nesta pesquisa correlacionamos pensamento na doença com a velocidade de instalação. O diagnóstico lhe chega, com palavras que ela não entende. O que é uma alteração no cromossomo X? Um verdadeiro desígnio dos deuses. A interpretação do diagnóstico já é um sofrimento¹⁵.

Se a possibilidade de sofrer convencionalmente lhe é retirada durante o tratamento, o que lhes oferecer no lugar disso? Uma função clínica fundamental da psicanálise de ponta é devolver a invenção e a responsabilidade frente ao desejo. Nesta direção, o tratamento precipita esta pessoa à invenção de saídas pelas quais ela se responsabilize. Se fosse para traduzir isso em lacanês podia dizer que é precipitar o *savoir-y-faire* com o sintoma. Afinal não é isso que Lacan nos ensina, que em relação ao sintoma não basta saber, é preciso saber-fazer? Após alguns meses de tratamento é o que testemunhamos acontecer na vida daquelas pessoas que chegaram mais mortas que vivas. Tem quem começou a dar aulas, quem fez vestibular, quem escreveu livro ou, mais simplesmente, quem tem nos olhos não mais o brilho frio das lágrimas autopiedosas, mas agora o brilho da gana de viver. Basta olhar para eles que se constata, é muito evidente.

¹³ Jorge Forbes no site: <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2007/jusp800/pag0607.htm>

¹⁴ Jorge Forbes no site <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2007/jusp800/pag0607.htm>

¹⁵ Jorge Forbes no site <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2007/jusp800/pag0607.htm>

É Lacan levado às últimas conseqüências por este trabalho dirigido por Jorge Forbes, que insiste em dizer que uma análise inteira se dá em uma única sessão. Todo o trabalho da análise é levar a pessoa a sustentar seu efeito, sessão após sessão.

Os primeiros resultados deste trabalho acabaram de ser apresentados¹⁶ neste ano, em dois congressos, um de psicanálise, na França e o outro Cecília, Itália.

Poderia ter lhes poupado de tudo o que disse anteriormente, apenas resumindo que esta pesquisa mostra claramente que, porque a condição psicológica influi na manifestação física dos sintomas da doença genética, a psicanálise ajuda o paciente a lidar com o diagnóstico e adia o aparecimento destes sintomas. Isso se traduz em termos práticos em um aumento da sobrevivência dos pacientes, um alongamento de sua expectativa de vida, porque estando melhor, vivem por mais tempo. O que não é pouco, já que aqueles que agüentarem por cinco ou dez anos já podem ter acesso à cura, cuja aposta está nas pesquisas com células-tronco, especialmente as embrionárias.

Extraindo conseqüências

O confronto com a morte certa, e em alguns casos iminente, tem nos ensinado a fazer uma clínica mais viva também em nossos consultórios.

Tanto mais viva quanto menos constrangida com os efeitos terapêuticos rápidos. Livres do pudor terapêutico, sabemos que a melhora sintomática não é o fim, mas o começo do tratamento.

Aprendemos que é preciso saber levar uma análise muito além da terapêutica, mas que para isso o desejo em jogo é aquele decidido por quem será tratado. Uma análise não acontece só com o desejo do analista. O analista tem de ter clareza quanto ao que precisa ser tratado para então definir a direção do tratamento.

Há muitas pérolas mais a se extrair. Novos conceitos como vergonha e responsabilidade, a invenção e a análise inteira numa única sessão. Cada um destes por sua vez constituem sozinhos temas de um novo trabalho. Deixemos em suspenso.

Enfim, agora me pergunto *Porque relatar esta experiência?* Para me apropriar e também para permitir que outros mais possam se apropriar e fazer uso disso. Encerro com Goethe “*Aquilo que herdaste de teu pai conquista-o para fazê-lo teu.*”

Helainy Andrade

Outubro de 2007

¹⁶ Jorge Forbes no site <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2007/jusp800/pag0607.htm>